



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

AMOR MATERNAL

■ ■ Por ANÃO SABICHÃO ■ ■

BEM dizia o meu colega Ignorantão que só esperassem dele grandes tolices, grandes sandices, mas, o que não há dúvida alguma, é que o maroto tem dedo para nos divertir! Pois se até eu, que lhe estava com asco, ri a bom rir com a tal história do Boticão e da sua galinha com dentes!

Afinal de contas, eu, que não dava nada por êle, já vou mudando de opinião! Contanto que o atrevido não me falte ao respeito, até estou pelos ajustes de juntar as minhas palmas às vossas, queridos amiguinhos, para aplaudir as histórias patustas que êle aqui escrever.

Hoje é a minha vez de vos distrair. Veremos se o consigo, não com histórias inventadas. Esta é verdadeira. Passou-se com uma cadelinha que eu conheci, numa aldeia onde estive.

Também lá conheci o Joãozinho, outro protagonista da história, que era filho da ti'Ana moleira e dono da cadelinha.

Ora êste Joãozinho, um dia, ao sair da escola, ficou muito admirado de não ver a Fosquinhas — assim se chamava a cadela — à espera dêle, como costumava, para lhe levar na bôca o saco dos livros. Mais admirado ficou quando foi dar com ela, tôda enroscada, na arribana, onde ficava o burro, com quatro cachorrinhos debaixo de si.

Então, o pequeno, cheio de alegria, pegou nos câezinhos, fez-lhes muitas festas e a Fosquinhas parecia agradecer-lhe, com os olhos côr de avelã, o carinho que êle mostrava pelos seus meninos.

A ti'Ana recolhera-a, condoída, por a ver tão abandonada e não se arrependera da sua caridade, porque a Fosquinhas tornara-se o guarda feroz do moinho, arreganhando a dentuça assim que sentia passos suspeitos na vizinhança.

Vigiava o burro quando êle pastava, seguia a dona para tôda a parte, tornando-se, assim, muito útil à família que a adoptara.

Depois do nascimento dos cachorros, a boa da Fosquinhas, a-pesar-de mãe extremosa, nunca deixava de cumprir os seus deveres antigos. Mas ladrava num ladrar mais meigo, tinha um olhar



mais terno e não rosnava senão quando lhe tocavam nos filhos, ciosa, ciumenta, no seu amor maternal.

Certo dia, a ti'Ana achou que já era tempo de separar os cachorrinhos da mãe.

Estavam gordos, crescidos e a pobre cadela andava esgrouviada, magrizela, por ter de sustentar tanta filharada.

Uma tarde, enquanto a Fosquinhas fôra esperar o Joãozinho à escola, a moleira pegou neles, montou no burro e foi deixar um no casal dos compadres, dois em casa do Manuel tendeiro e o último deu-mo a mim e foi-mo entregar à árvore ôca, onde eu arranjava moradia, naquele verão.

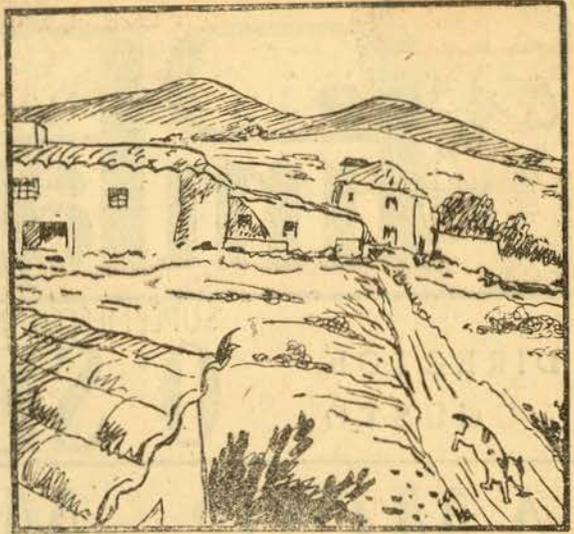
Não se pode descrever a aflição da Fosquinhas quando deu pelo desaparecimento dos filhos!

Gemia nuns latidos muito lamentosos, fochinando na palha, onde os deixara.

Depois ia puxar pela saia da ti'Ana, como a pedir-lhe contas daquela desgraça e os seus olhos húmidos imploravam a compaixão da dona.

Esta, apiedada, fazia-lhe festas mas a cadela continuava numa grande excitação. Durante dias e dias, não comeu nem dormiu, sempre farejando inquieta e muito triste.

Até que, por fim, sossegou,



Passava, então, fora do moínho muito tempo. Andava atarefada, num passo apressado, de língua de fora, e assim percorria a estrada em longas caminhadas.

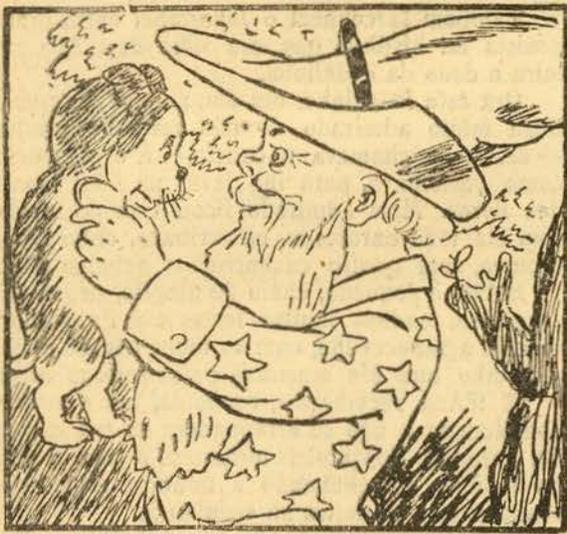
A moleira estranhava aquele procedimento da cadela que mal tinha tempo agora para guardar o moínho, vigiar o burro e ir esperar o Joãozinho à escola.

Fui eu que esclareci aquele mistério!

Duas vezes por dia, de manhã e à tarde, a Fosquinhas aparecia-me para dar de mamar ao cachorrinho, com que eu ficara. Dali seguia, apressada, a caminho do casal dos compadres da ti'Ana, lá ao fundo da aldeia, onde também tinha um filho, e na volta passava pela tenda do Manuel, que era, agora, o dono dos outros cachorros.

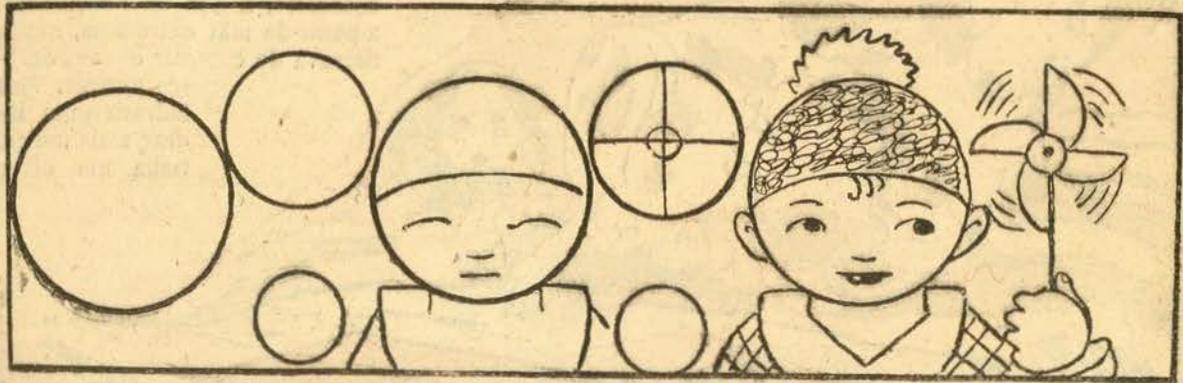
Como estavam longe uns dos outros, a pobre cadelinha esfalfava-se para cumprir o seu dever de mãe e, enquanto os filhos foram pequeninos, continuou a amamentá-los à custa dum grande esforço!

Fôra o instinto e o grande amor maternal que a guiara para, assim, ter descoberto o paradeiro dos filhos.



F I M

L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha um menino com um moínho de papel

ABENÇOADO GESTO

Por ARLETE ARGENTE GUERREIRO (Argentinita)

A O regressar da escola, a Mariazinha, entrou com alvoroço na salinha onde a Mãe costurava. Depois de a beijar disse-lhe, exibindo um quadrilongo de papel impresso.

— Mãezinha, trago aqui uma carta que uma senhora mandou a tôdas as crianças das escolas de Portugal! E, entregando-lhe o impresso, pediu-lhe:

— «Leia mamã, se faz favôr.»

Complacente, a Mãe começou a ler. Tratava-se do apêlo que a Sr.^a D. Fernanda de Castro dirigiu, em termos carinhosos, a tôdas as criancinhas das escolas, solicitando-lhes uma esmola para os tuberculosos pobres poderem disfrutar um pouco de conforto, no dia de Natal, dia em que Deus quiere que haja alegria em tôdas as almas.

— «Então, Mãezinha, não acha que é uma idéa linda? — (preguntou a Mariazinha quando a Mãe terminou a leitura. E acrescentou entusiasmada:)

— Por intermédio destas cartas, iniciaremos, amanhã, um peditório, porque diz a senhora professora que todos devemos contribuir para tão humanitário fim!»

D. Clotilde, satisfeita com os bons sentimentos, que as palavras da filha demonstravam, respondeu-lhe comovida:

— «E' sim, minha filha, é uma linda idéa, e merece ser largamente secundada não só pelas criancinhas dêste Portugal tão lindo e glorioso, como também, pelas pessoas crescidas que devem ser as primeiras a dar o exemplo.

E, abrindo a gaveta de um móvel, retirou de lá uma nota de cinquenta escudos que entregou à Mariazinha acrescentando:

— «Cabe-me a honra de abrir a subscrição!»

Esta interessante conversa era seguida atentamente, por uma pequenita de cinco anos, irmã da Mariazinha que, nesta altura, perguntou à Mãe na sua vozinha cantante:

— «Mamã, essa senhora não manda, também, uma carta para mim? Eu gostava tanto de ir pedir para os doentinhos pobres...»



A Mãe cingiu contra o peito a Isabelinha, e respondeu numa voz comovida:

— «Não, meu amôr. Tu ainda és muito pequenina. Quando tiveres idade de ir à escola, pedirás então para os pobrezinhos!...»

O lindo rosto de Isabelinha entristeceu, e nessa noite, não conseguiu adormecer sem custo.

Mentalmente, repetia as palavras da Mãe: «Tu ainda és pequena» e esta frase dava-lhe que pensar.

Então, por ser pequenina, não podia também ser útil aos pobrezinhos! pensava, enquanto, do íntimo da sua alminha, ouvia uma voz responder-lhe afirmativamente. De súbito, uma idéa luminosa raou no seu cérebro pequenino, e quando, pela manhã, despertou dum sonho que apenas durára uns momentos, ergueu-se, e enquanto se vestia ia pensando que a Mãezinha havia de ver que ela, a-pesar-de ser pequena, também podia auxiliar os pobrezinhos.

Quando se acabou de vestir — bastante atabalhoadamente pois não estava habituada a fazer sòzinha êsse serviço — pegou num mealheiro e rapidamente, quebrou-o. Porém, à vista dos poucos cobses que rolaram sôbre a mesa, entristeceu.

O que diriam os pobrezinhos de ela lhes dar tão pouco?!...

Nisto, os seus grandes olhos azuis, fitaram a bonequinha que era o seu enlêvo.

Nova idéa lhe atravessou o cérebro, mas desta vez hesitou.

Quem lhe compraria a boneca? Só se fôsse a sua avôzinha.

Como tinha ouvido dizer à mamã que a avô era outra vez menina, talvez a avôzinha apetecesse brincar também... Estava decidido, iria propôr à avô a compra da boneca!

Como a avôzinha só se levantasse mais tarde, es-

(Conclui na página 6)



★ A REVOLTA DE PEDRITO ★

Por ROSA SILVESTRE

O Pedrito era um vivo domónio! Esperto, engraçado, isso é verdade, mas traquinas como nenhum outro rapazinho da sua idade.

Tinha oito anos e já sabia ler e escrever correntemente. Era o primeiro da classe, mas era, também, o maior revolucionário da aula!

Cada dia aparecia com a sua ideia: umas vezes nomeava-se a si próprio chefe dum «bando de malfetores», escondendo os livros e as pastas aos companheiros, e só as restituindo aos donos em troca do dinheiro que eles traziam nas algibeiras (não julguem, porém, que ele guardava o dinheiro para si. Não, senhor! Dis-

tribuía-o, sempre, por alguns garotos pòbrezinhos e então, comprava rebuçados que dividia irremediavelmente com os seus condiscípulos. O Pedrito não era capaz de ficar fôso com o que fôsse que pertencesse a outra pessoa. O que ele queria era divertir-se e ver os outros arreliaados. Noutras ocasiões tinha artes de espalhar pimenta dentro dos livros dos companheiros, de forma que, no momento de serem chamados à lição, principiavam todos a pirrar.

Chegou, mesmo, um dia, a deitar cola sobre os bancos. O resultado foi os alunos, que o professor interrogava, não conseguirem levantar-se, por mais esforço

que fizessem. E' claro que, desta vez, o caso foi mais sério... Primeiro que os pequenos chegassem a descolar os calções dos bancos, tiveram um trabalhão, ficando quási todos com eles rasgados.

O professor indignou-se, quis saber quem fôra o autor da proesa, e estava já disposto a castigar severamente um petiz que nunca pudera conter o riso, calculando que tivesse sido ele, quando o Pedrito se levantou, declarando: — «Fui eu, senhor professor!» — e evitando assim que o outro, que estava inocente, fôsse castigado.

Porque, repetimos: o Pedrito não era mau, o que ele era era rabino, desobediente e brincalhão.

O resultado era ser constantemente repreendido e castigado pelos pais e pelos mestres. E o pequeno acabou por ficar triste, revoltando-se contra a severidade com que o tratavam.

Uma quinta-feira, estava ele empoleirado numa árvore do jardim, coisa que a mãe não gostava que ele fizesse, começou a pensar:

— «O mundo está muito mal feito! As crianças deviam viver separadas das pessoas crescidas. O pai, a mãe, os avós, os tios e os professores não fazem senão arreliar-nos!

Obrigam-nos a comer a sôpa; fazem-nos estar quietos horas seguidas na aula; ralham-nos quando aparecemos com o bibe sujo ou rasgado; não fazem senão recomendar:

— Menino, esteja quieto! A' mesa não se canta! Não meta os dedos na bôca!

Que massada! As pessoas crescidas não deviam existir. Para que se hão-de elas meter na nossa vida? As crianças têm que fazer uma revolução!

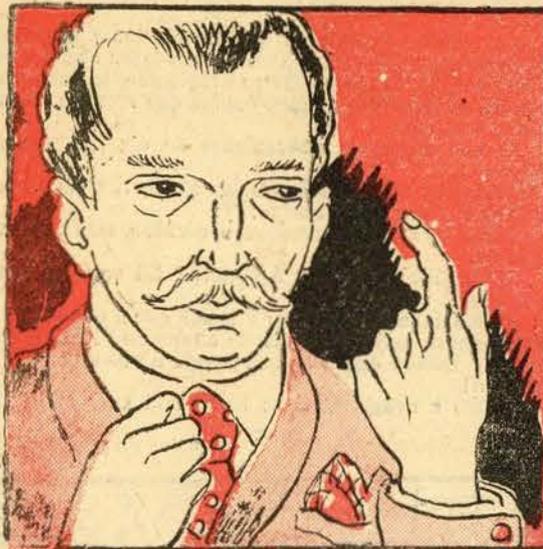
Temos que arranjar uma terra só para nós e não deixarmos ninguém dar-nos ordens. Os papás e os mestres são muito boas pessoas, mas são muito rabugentos!»



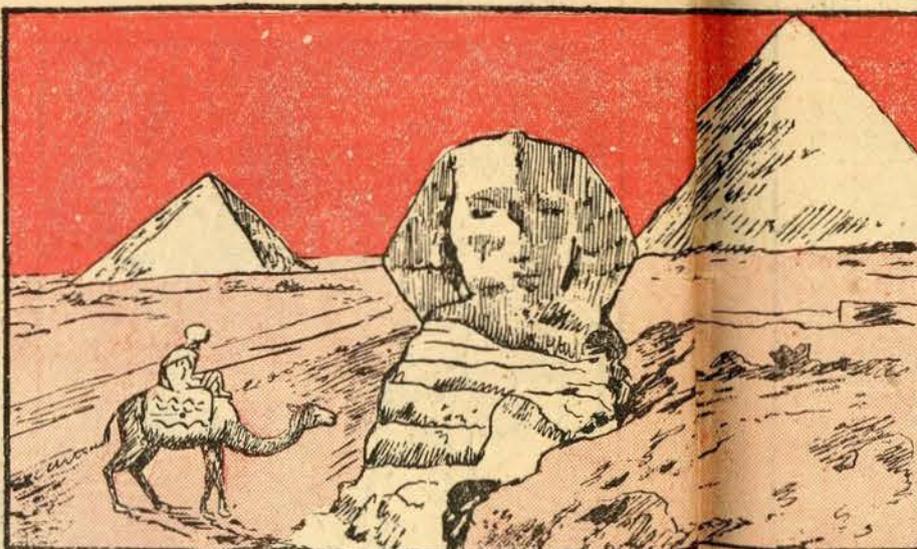
Isto pensava o Pedrito, empoleirado numa árvore da quinta, como já lhes disse. Mas, como fazia calor e era a hora da sesta, o Pedrito, mesmo sem dar por isso, foi fechando os olhitos e acabou por adormecer. E teve um sonho: viu uma borboleta branca, muito bonita, que se transformou numa menina e que lhe disse:



■ A RESPOSTA DO CHIQUINHO ■



Mestre Doutor Vilarinho, do curso comercial, chama à lição o Chiquinho, aluno muito espertinho mas mandrião, por sinal.



«Dize-me cá, ó Chiquito, qual o principal produto, do fumador favorito, que é importado do Egipto e há no cigarro e charuto?»



Mas sempre alheio, o diabrete do Chiquinho mandrião maquinaalmente repete: — «Pirâmides?!...» — «Sim, reflecte!...» — «Pirâmides?!... Não sei, não!»



— «Sim, do Egipto, criatura, onde há pirâmides com imensos metros de altura...» Então, Chiquinho murmura: — «Ah, já sei... Piramidon!»

De olhar no vórtice, porém, nada responde. — «Pensa bem, do Egipto, terra das pirâmides em to?»



— «Queres vir comigo a uma terra onde vivem só crianças? Se gostares podes lá ficar e mandar ir os teus amiguinhos.»

— «Isso é a valer?» — perguntou êle.

— «Pois havia de ser a brincar?!» — disse a menina, mostrando-se ofendida.

— «Vamos lá depressa!»

E foram os dois por um caminho coberto de relva fresquinha, por entre árvores que davam uma sombra deliciosa.

Depois de muito andar, chegaram a uma cidade onde tudo era pequeno, desde as casas aos seus habitantes.

O Pedrito não cabia em si de

contente. Agora é que êle ia ser feliz!

Procurou a sua companheira mas não a viu.

— «Naturalmente ficou para trás!» — pensou êle. E dirigiu-se a uns rapazes que estavam ali perto a jogar o eixo. Pareceram-lhe sujos, mal arranjados, mas não fez caso.

— «Quem manda cá nesta terra?» — perguntou o Pedrito.

— «Ora! sômos nós todos. Fazemos o que queremos ; não obedecemos a ninguém.»

— «Eu venho viver com vocês!»

— «Viva! Viva! — (gritaram os outros) — Toca a brincar.»

O Pedrito juntou-se a êles, mas, dali a pouco, zangaram-se por qualquer coisa sem importância, e envolveram-se em desordem. Bateram-se, arranharam-se, e o nosso herói foi dos que ficaram mais magoados.

* Não lhe agradou a companhia e afastou-se, começando a percorrer as ruas.

Por tôda a parte encontrava crianças esfarrapadas, com os cabelos desgrenhados, a questionar umas com as outras, tal qual como os rapazes malcriados, da rua, com quem êle não estava habituado a conviver.

A alegria do primeiro momento desapareceu.

Afinal, a cidade das crianças não era tão bonita e agradável como êle pensava!

Junto duma porta estava uma pequenita deitada, a arder em febre.

— «Estás aqui, sôzinha?» — perguntou êle.

— «As minhas companheiras foram brincar.»

— «E a tua mãe?»

(Conclui na página 7)

CARLITOS TEVE RECEIO...

Por ANIBAL NAZARÉ

Carlitos é um menino como muitos pòbrezinhos, a quem a mãe faz fatinhos com os fatos já vèlhinhos do Papá.

E Carlitos, que tem tino, quando papá faz um fato e com êle sai à rua, olha para a fatiota, tôda janota, como se já fôsse sua...

*

* *

E pede, então, à mãizinha:

— O' mãizinha!

Quando aquela gabardine do papá

estiver vèlhinha,

e p'ra êle não servir já,

não se esqueça,

de, logo que lhe pareça, fazer, assim,

uma nova para mim...

E, quando aquele fatinho azulinho,

que o papá tem há um ano,

não prestar,

faça-o p'ra mim ou p'ró mano,

que, quando a gente o usar,

vai fazer um figurão!...

*

* *

Então,

a mãizinha,

achando muita gracinha

ABENÇOADO GESTO

(Conclusão da página 3)

perou, impaciente, a hora de a poder procurar. Ouvindo dar as 10 horas não pôde conter mais a sua impaciência, e, daí a pouco, tinha com a avó — uma santa vèlhinha — animada conversação. Quando regressou ao seu quartinho ia radiante. Fechada na mãozinha rechonchuda levava uma nota igualzinha àquela que a Mãe na véspera dera à irmã. A boneca ficara lá é verdade, mas não se ralava muito, porque depois brincaríamos as duas com ela...

Depois do almoço, quando a irmã se dispunha a regressar à escola, a Isabelinha pediu à Mãe que a deixasse ir. Voltaria com a criado. A Mãe ainda se quiz opôr mas a avózinha, sorrindo misteriosamente, pediu à filha que satisfizesse o desejo da criança, e a Mãe, embora intrigada, acedeu.

Depois de ouvir as ingénuas explicações da Isabelinha, a professora com os olhos razos de lágrimas que o lindo gesto da garota lhe provocara, perante a aula repleta de alunos, ergueu a criança nos braços e, numa breve alocução, pôs em relevo o gesto generoso, e verdadeiramente nobre, daquela pequenita de cinco anos que assim dava um grande exemplo de generosidade.

Quando a Isabelinha regressou a casa, a Mãe já inteirada de tudo, apertou-a longamente contra o coração, mas o que mais comoveu a Isabelinha, foi ver a sua avózinha, que mal podendo susteer nos seus trémulos braços a grande boneca, lha entregou dizendo:

— «Fica tu com ela outra vez que, quando eu quiser brincar, tu ma emprestarás, sim?...

F

I

M

aos pedidos do Carlitos,
promete e diz
que há-de fazer, p'ró petiz,
os fatinhos
com todos os cuidadinho,
para ficarem bonitos
como deseja o Carlitos!...

* * *

O'ra, há dias,
o papá, que usava barba
em volta de tôda a cara,
e nunca mais a rapara,
resolveu.
— e creio eu
que só por lhe apetercer
ficar de cara rapada,
a barba tôda cortada
e escanhoada a valer!

* * *

O Carlitos, vendo o pai,
sem querer, soltou um ai
— um ai de medo e terror,
que a mãe até perguntou:
— O que tens tu, meu amor?!

* * *

E ele logo lhe explicou:
«E' que estou a recear
que me vão fazer usar
as barbas que o pai cortou!...»

F I (T)

A REVOLTA do PEDRITO

(Continuação da página 6)

— «Não sei. Vim para aqui, não a tornei a ver...»
E os olhos da doentinha encheram-se de febre.
O Pedrito impressionou-se e foi andando, já arrependido de ter ido para ali.

A' noite, quando se quiz deitar, estranhou muito a cama. Estava acostumado a lençois branquinhos de neve, almofadas macias, e a um quarto bem arrumado. Agora só tinha uma enxerga velha e suja... A respeito de comida, cada um que se arranjasse...

E depois... faltava-lhe a maçinha, que costumava vir aconche-gar-lhe a roupa, abençoá-lo e beijar-lhe os olhinhos que se fecha-vam com sono...

Não, não podia viver no meio daquelas crianças mal educadas, naquelas casas sem confôrto, sem ninguém que se ocupasse dele e o acarinhasse.

Até os ralhos da mãe lhe faziam falta. Porque, afinal, quando ela ralhava, era sempre com razão!

O Pedrito estava desolado! Queria a sua casinha, os seus brin- quedos, os carinhos do pai e, principalmente, os beijos da mãe!

Numa aflição enorme, estendeu os braços e chamou:
— «Maçinha! Maçinha!»

De repente, sentiu uma pancada muito forte no corpo, e acordou. Estava estatelado no chão! Na agitação do sonho, caíra da árvore. O pior é que não podia pôr-se de pé. Doía-lhe muitíssimo um ar- telho e estava atordoado!

A mãe veio logo, aflitíssima. Foi preciso levá-lo em braços para a cama, e lá ficou umas semanas de perna estendida, com uma entorse.

Quem o mandara desobedecer e subir para a árvore?

E o Pedrito prometia a si próprio nunca mais ser desobediente. Mas não foi só isso: O sonho que tivera não lhe saía da memória.

Compreendia, agora, que os pais, os avós, os tios e os mestres, todos, enfim, que o ensinavam a ter maneiras delicadas e o casti- gavam quando ele procedia mal, só queriam o seu bem e eram os seus melhores amigos.

Aproveitou a lição e nunca mais se revoltou, nem pensou em cidades de crianças, onde as pessoas crescidas não tivessem entrada...

Pelo contrário: muitas vezes, lançando os bracitos em volta do pescoço da mãe, pedia, carinho- samente:

— «Maçinha, minha querida Maçinha! Nunca me deixes! Que- ro-te sempre ao pé de mim!...»

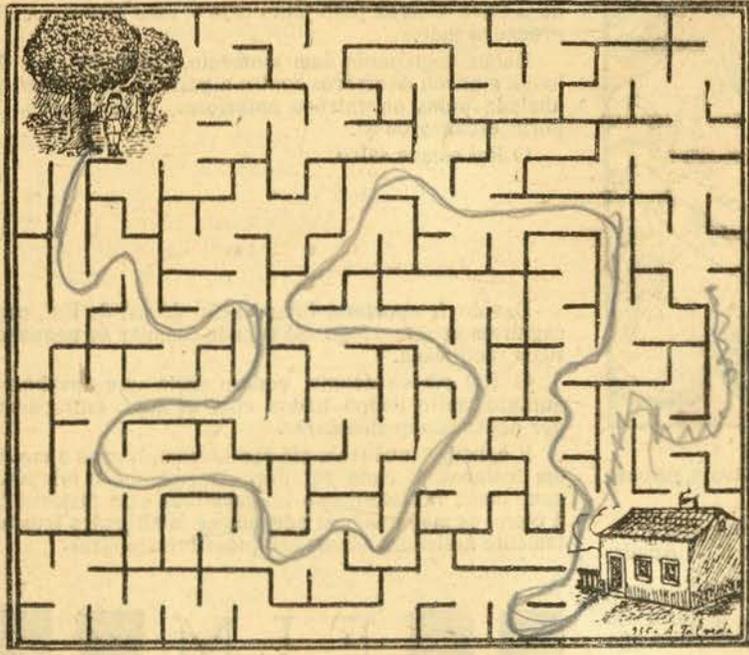
LABIRINTO

O Joãozinho é um menino muito irrequieto e por mais que a mãe lhe ralhe e recomende que se não afaste muito de casa, ele faz justamente o contrário.

Destá vez lembrou-se de ir até ao bosque, mas perdeu-se por lá e não há meio de atinar com o caminho. Olhem, como está aflito!

Contudo, os meninos, como têm bom coração, prontificam-se a ajudá-lo. Pois sim!?

Parece-me, que, desta vez o Joãczi- nho se emendará...



O INCENDIO

Por LEONOR DE CAMPOS

PÉ ante pé, muito de mansinho, o Rui dirigiu-se ao quarto dos pais. Com tóda a cautela abriu a gaveta da mesa de cabeceira, tirou a caixa de fósforos e exclamou em surdina:
— «Pronto! Cá está ela!... Julgavam que eu não a encontrava mas enganaram-se!... Pois então!... Eu cá descobri tudo!...

Meteu a caixa no bôlso e com as mesmas precauções, para não despertar a atenção da mãe, voltou para o seu quarto.

Apenas ali chegou, fechou a porta à chave e sentou-se em cima da sua caminha, tóda branca e de colchão muito fôfo.

— «Ora, agora, vamos lá ver se eu sou ou não um homem!... Que domónio!... Porque não hei-de eu saber acender um fósforo? É alguma coisa do outro mundo?» — resmungava êle, enquanto tirava a caixa do bôlso. E continuou:

— «Tá claro!... A mãe pensa que eu hei-de ser sempre o mesmo menino pequenino!... Que mal faz acender fósforos? Nenhum!... Então, para que os esconde?»

A mão riscou um fósforo. Não acendeu. Riscou, novamente, com mais força. Nada!... Mais força ainda. Pronto!... Agora sim, acendeu. Mas,...

... O Rui carregou de mais e o fósforo partiu-se. Metade do fósforo, a arder, caiu sôbre a cama, e pegou fôgo ao colchão. O Rui, atrapalhadíssimo, tenta apagá-lo com as mãositas. Mas queima-se e desiste. Então, com receio de chamar a mãe, que certamente o castigaria severamente pela sua desobediência, o Rui resolve ser o bombeiro. Vai ao lavatório, pega no jarro da água, que infelizmente não está cheio e vem despejá-lo sôbre a cama.

Era tarde. O fogo alastrava rápidamentee e a água

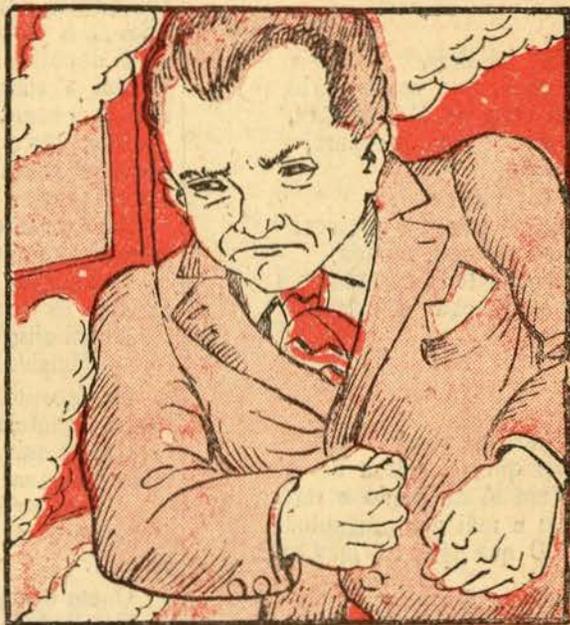


era pouca. Um fumo incomodativo começava a sufocar o Rui.

Então, desvairado, o rapaziño desatou a gritar:

— «Acudam!... Acudam!... Há fogo!... Acuda, minha querida mãizinha!...»

Aos gritos aflitivos do pequeno, acudiu a mãe e acudiram as criadas. Mas o Rui fechava a porta do quarto. E por mais que a empurrassem, a fechadura não cedia.



O Rui, paralisado pelo mêdo, não conseguia mexer-se e abrir a porta. E o fumo continuava a sufocá-lo. E o fogo cada vez estendia mais...

A pobre mãe, aos encontrôes à porta, gritava:

— «Meu filho!... Meu filho!...»

Mas o Rui tinha perdido os sentidos.

Neste momento, Deus teve compaixão da mãe e do filho.

O pai do Rui, que por acaso saíra mais cedo do emprego, chegava a casa, quando ouviu os gritos aflitivos da mulher. Correu para junto dela e, num instante, compreendeu tudo.

Então, sem perda dum momento, tomou balanço de longe e atirou os ombros contra a porta. A fechadura, já abalada pelos encontrôes anteriores, cedeu então. A porta escancarou-se.

O Rui estava salvo.

Devido à oportuna intervenção do pai de Rui, conseguiram apagar o fogo. Só a linda caminha do pequeno, ficou inutilisada.

O Rui esteve doente, com o susto que apanhou e durante muito tempo andou com as mãos entapadas, por causa das queimaduras.

E nunca, nunca mais até ser homem, tornou a mexer em fósforos. E cada vez que via meninos a bricarem com lume, ralhava-lhes e contava-lhes esta história. E, é claro, os meninos bem educados e inteligentes imediatamente desistiam dessas estúpidas brincadeiras.

F I M